

A dança “vogue” e o debate de gênero no Ensino Médio

Marcelo Ferreira Lima

Arthur Müller

2020 ficará marcado como o ano em que a pandemia de Covid-19 acometeu a população mundial, ceifando a vida de milhares de pessoas ao redor do globo. Por aqui, as insistentes investidas do ocupante do poder executivo contra o uso de máscara (equipamento de proteção de eficácia comprovada na contenção da proliferação do vírus), a favor de medicamentos sem validação científica para a doença em questão (constantemente, o termo “tratamento precoce” foi utilizado de forma irresponsável, considerando que até a escrita do presente relato – meados de janeiro de 2023 – o tal tratamento ainda inexistia) e a infundável briga com os poderes constituídos, como o Supremo Tribunal Federal e governadores que “teimavam” seguir as recomendações sanitárias ditadas pela ciência, pelas instituições de pesquisa, como a Fiocruz e o Instituto Butantan e, principalmente, pela Organização Mundial da Saúde.

O saldo dessa empreitada genocida? A morte de mais de 680 mil pessoas, sendo que desse total, pelo menos [400 mil vidas poderiam ter sido salvas](#). Atualmente, o quadro apesar de estar controlado, ainda oferece risco às pessoas, visto que a Covid-19 e suas variantes estão circulando e muitas pessoas ainda não completaram o ciclo vacinal, principalmente as crianças. De qualquer forma, os impactos na rede de saúde e no índice de mortalidade diminuíram sobremaneira.

Nesses tempos difíceis, o olhar para a escola e tudo o que com ela se relaciona (sejam professores e professoras, práticas pedagógicas, acolhimentos, dentre outros) foram ampliados. Com advento da pandemia e, conseqüentemente, do isolamento social, a imensa maioria das instituições replanejaram suas atividades numa tentativa de conter a expansão da doença. Isso inclui a escola.

As diferentes redes de ensino tentaram se reorganizar com o objetivo de dar continuidade ao ano letivo, procurando reduzir os impactos do isolamento social na formação do alunado. Porém, há de se ressaltar que frente ao ineditismo da situação e da doença, as práticas pedagógicas existentes não davam conta de atender à demanda social e educacional. Como seria um ensino a distância para milhões de estudantes? Teriam acesso fácil e rápido? O corpo docente estaria preparado para isso? E as famílias? As

angústias eram enormes, assim como as incertezas. Conforme as semanas avançavam, os casos de pessoas acometidas pela doença também aumentavam e, cada vez mais, os números oficiais expunham índices alarmantes de contaminações e mortes em decorrência da doença.

Assim, a partir de algumas possibilidades, a prática pedagógica em tempos de Covid-19 foi reescrita, num espaço temporal curto, onde todas as pessoas precisavam, ao mesmo tempo sobreviver ao eminente contágio, elaborar aulas no plano virtual, aprender a utilizar as diferentes plataformas educacionais disponíveis, alcançar estudantes que não conseguiam acessar as atividades e as aulas síncronas e, principalmente, manter algum tipo de interação. Em termos práticos, tudo isso quer dizer que, agregado às funções já conhecidas pela docência, em um tempo não adequado, professores e professoras precisaram aprender a utilizar as ferramentas virtuais e, muitas vezes, sem qualquer possibilidade de trabalho coletivo com o(a)s pares.

Nesse cenário, mesmo sem modificar o Projeto Político Pedagógico (PPP), o trabalho com todas as turmas da Escola Técnica Estadual (ETEC) José Rocha Mendes foi sendo reformulado dentro das possibilidades. Situada na Zona Leste da cidade de São Paulo, a unidade é administrada pelo Centro Paula Souza (CPS), uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, até então vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, à qual se vinculam não só as ETECs, mas também as Faculdades de Tecnologia (FATECs).

Aqui relatamos os acontecimentos referentes ao trabalho com a Educação Física junto à turma da 1ª série do Ensino Técnico Integrado ao Médio (ETIM) de Comunicação Visual (CV), em 2021, período em que grande parte das instituições educacionais adotaram o chamado ensino remoto emergencial.

As aulas começaram no mês de abril, após as orientações sobre as medidas de proteção sanitária. O CPS firmara uma parceria junto à Google para utilização dos recursos da plataforma Teams. Diante disso, da análise do PPP e do Plano de Curso (PP), um documento orientador elaborado pelo Grupo de Formulação e Análise Curricular do CPS contendo “temas gerais” para todos os componentes curriculares, além de conversas iniciais com a turma, decidi tematizar a dança, uma vez que o estudo dessa prática corporal abria diversas possibilidades pedagógicas.

Em função das particularidades do ensino remoto emergencial o envolvimento do(a)s estudantes nas aulas variava devido às dificuldades enfrentadas. O CPS determinou

que os registros de presença tomassem como referência as “tarefas quinzenais” elaboradas e enviadas pela plataforma, além da participação nas aulas síncronas.

Observamos, pelas discussões realizadas durante os encontros virtuais e as postagens feitas no chat, que os estudantes cultivavam certas danças, entre elas, a dança “vogue”. Naquele instante, houve dúvidas sobre do que se tratava. Dois alunos em específico descreveram-na, dizendo que gostavam e dançavam sempre que possível.

Professor: *Que interessante, quando vocês falaram em vogue já pensei em duas coisas completamente diferentes. Uma, a revista. A outra, a música da cantora Madonna.*

Carlos: *Caramba eu não sabia, que legal.*

Aline: *Conta mais, fique interessada.*

Natalia: *É uma dança dos Estados Unidos, que mistura movimento e roupas da moda na passarela.*

Jessica: *Que bacana.*

No transcorrer da aula, as questões de orientação sexual e gênero surgiram aos poucos. Alguns alunos tomaram a iniciativa da problematização tanto pelo chat quanto pelo microfone.

Professor: *O que vocês pensam sobre a questão de gênero?*

Marcelo: *Só separa as pessoas, prof.*

Ana: *Não deveria ter classificação.*

Catarina: *Tem coisa que é pra homem e tem coisa que é pra mulher na dança.*

Bruna: *Não concordo. A dança não é de gênero nem de nada é só dançar*

Marcos: *A dança é simplesmente entrar na “vibe” e ir.*

Tomava nota de cada fala, cada posicionamento, reforçando a importância daquela discussão. Problematizei a ideia de corpo nas práticas corporais, fazendo menção a algumas ideias de Guacira Lopes Louro, Silvana Vilodre Goellner, Helena Altmann e Judith Butler. Expus brevemente conceitos dos estudos de gênero na escola e nas práticas corporais. Ao longo dessas conversas, alguns estudantes informaram que tinham lido algo sobre Judith Butler.

Voltando à dança identificada como “vogue”, como não a conhecia, aproveitei o restante da semana para pesquisar sobre o assunto. Após apresentar e discutir os

resultados com a turma, sugeri convidarmos uma especialista para um debate. Contatada naquela mesma semana, a professora Cyndel Nunes Augusto prontamente aceitou. Solicitou registros do trabalho como subsídios para planejar a atividade. Pedi aos e às estudantes que redigissem seus posicionamentos sobre o assunto, para que eu pudesse encaminhá-los à nossa convidada.

Acho que é importante defender essas causas como direitos humanos, infelizmente o mundo tá cheio de preconceito, seria mais fácil se as pessoas ao redor do mundo levassem a prática de cuidar da própria vida ao invés de tentar opinar na alheia. Se os direitos iguais existissem, muitas coisas por si só já estariam resolvidas.

A maneira com a qual crescemos e pessoas com quem convivemos realmente podem afetar, mas cabe a nós mudar essa visão, sabe? Concordo, estamos em constante evolução.

Acho que felizmente a internet pode ser uma enorme aliada pra gente, pra poder se aprofundar nesses assuntos e conhecer as causas melhor. Infelizmente, a gente aprende muitas vezes desde cedo a ser mais ignorante, mas no meio que a gente vive atualmente, podemos sempre sair dessa bolha e entendermos melhor as questões da sociedade hoje em dia.

Eu acho que é importante desconstruir esse pensamento, passar por todo um processo de pesquisas sobre o assunto e não se acomodar com isso

A maneira com a qual crescemos e pessoas com quem convivemos realmente podem afetar, mas cabe a nós mudar essa visão, sabe?

Eu acho que o importante é todos nós termos respeito acima de tudo, e antes de formamos uma opinião, pesquisar sobre, porque frequentemente nós percebemos que a maioria desses preconceitos veem estruturalmente, e a pessoa nem se quer sabe o porquê de ter aquela rejeição com tal coisa.

Acredito que no mundo de hoje, felizmente as pessoas estão cada vez mais abrindo a cabeça, é difícil porque muita coisa vem do ambiente que a pessoa vive, e isso não é culpa da pessoa em si, mas acho que hoje todas essas questões devem ser normalizadas, porque a luta para as minorias poderem ser olhadas como pessoas normais pela sociedade já vem de muito tempo.

Eu acho importante falar sobre a não-binariedade. Acho que é necessário, quando a gente fala de masculino/feminino e como isso é pura construção social/cultural, falar sobre as possibilidades de viver fora desses extremos do que a maioria entende que é gênero. Eu sou uma pessoa não-binária, pra mim nunca fez sentido o "ser homem", e a transgeneridade também nunca foi sobre "ser mulher", é um pouco sobre estar no meio mas também não estar em lugar nenhum, estar fora desse binário. Enfim, falar sobre isso é essencial pra desconstruir o gênero.

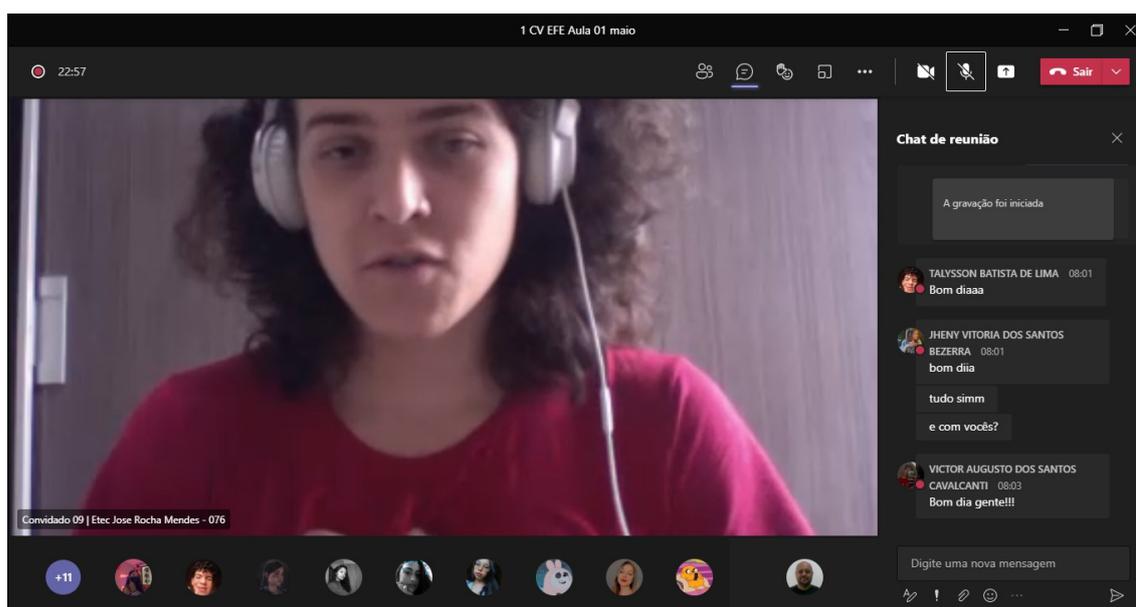
Eu queria perguntar o que ela pensa sobre a relação das vestimentas do vogue com as ideias além da dança, se ela acha que se o que vestimos vai além da facilidade de movimentação.

Como a moda influenciou os dançarinos de vogue, e o quão ela foi importante para o autoconhecimento deles, principalmente pela época em que estavam inseridos.

Eu acredito que é questão de respeito, não importa qual a sua opinião sobre algo que diz respeito a vida de outra pessoa.

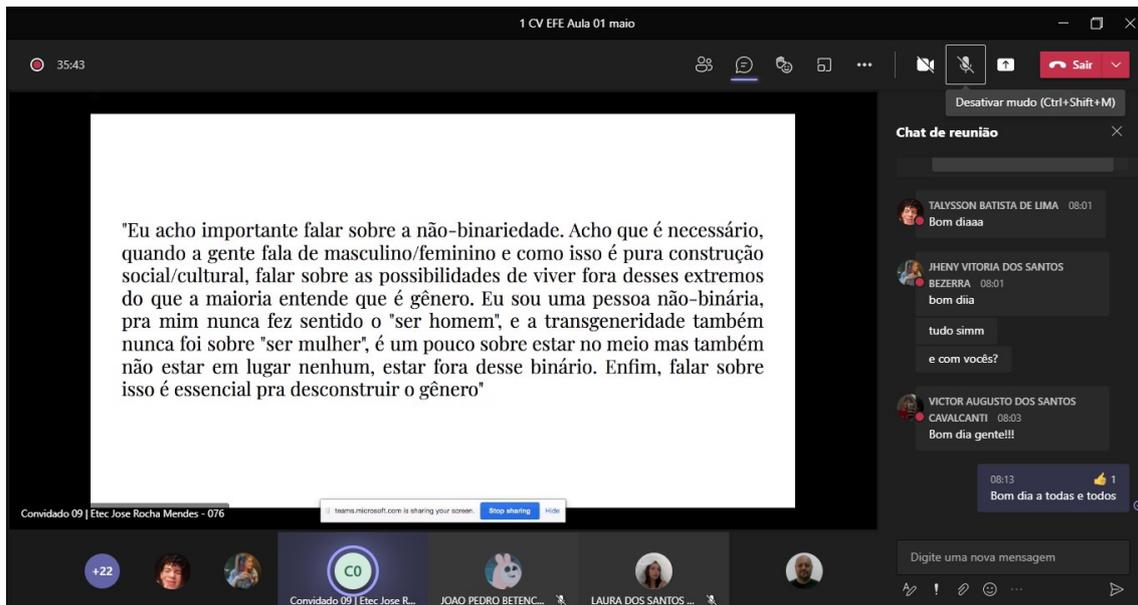
Professor, eu cheguei um pouquinho atrasado, então eu fiquei meio perdido Mas como pergunta, eu queria perguntar sobre o que ela acharia de um projeto para as escolas em geral sobre poder estudar e ter uma visão menos superficial das danças durante as aulas de educação física. Tipo um projeto para todas as escolas conseguirem estudar várias danças e quebrar os preconceitos.

Encaminhei essas colocações para a professora Cyndel e agendamos um encontro síncrono com a turma. Tivemos uma conversa bem extensa (no tempo e nas questões/provocações) com o foco na questão cultural que envolve o gênero e a apresentação de outras formas de ler o mundo. O material que ela preparou foi disponibilizado.

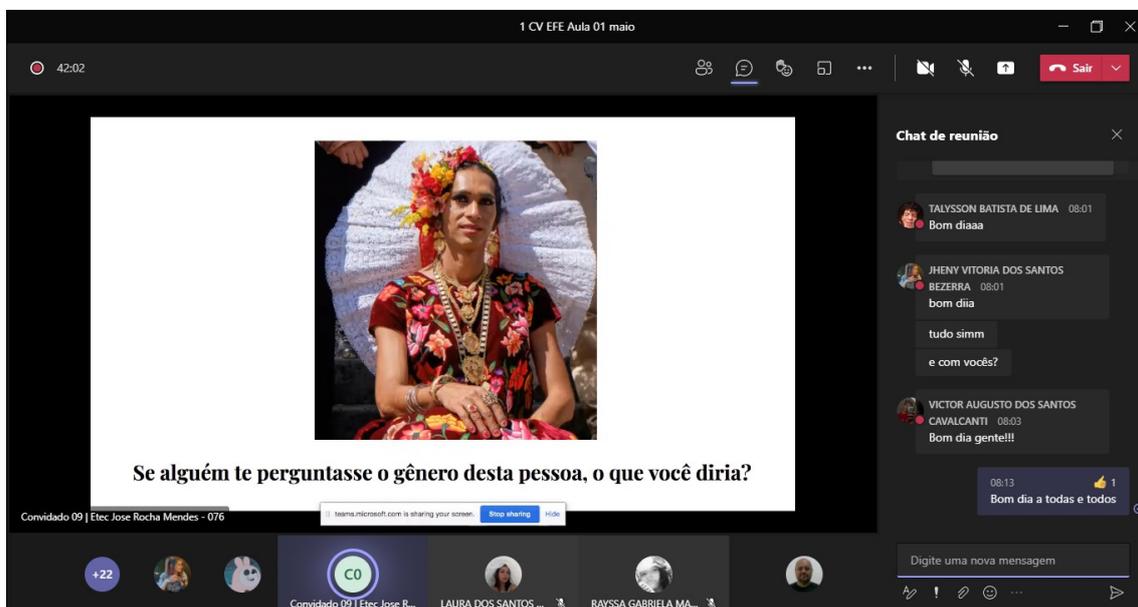


Captura de tela da conversa com a professora Cyndel Nunes Augusto

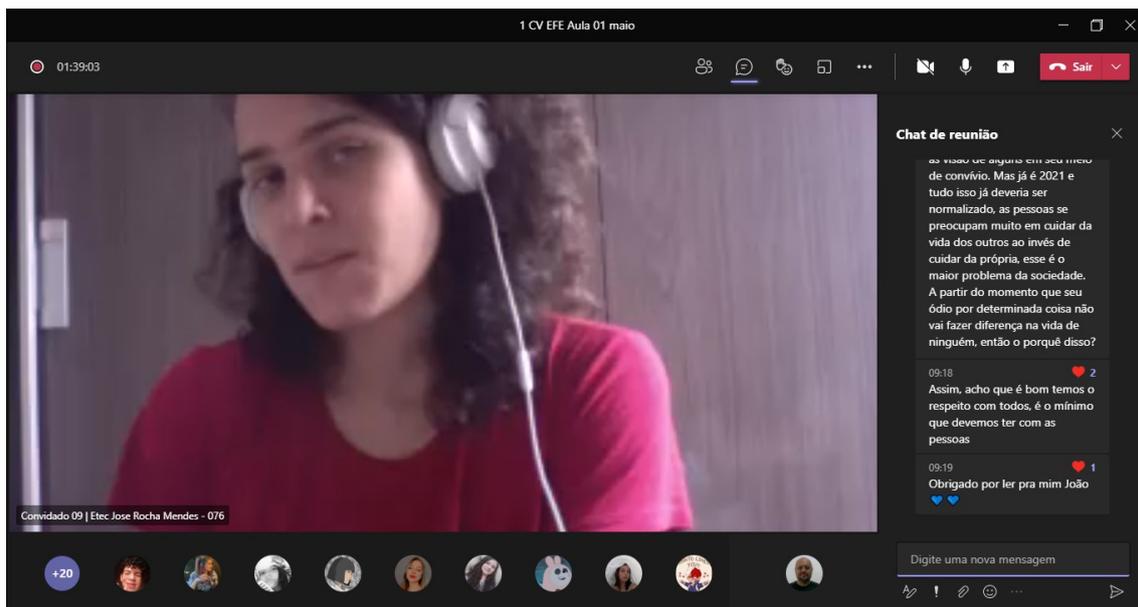
A docente exibiu alguns trechos das questões da turma para dialogar.



Captura de tela da apresentação elaborada pela professora Cyndel Nunes Augusto.

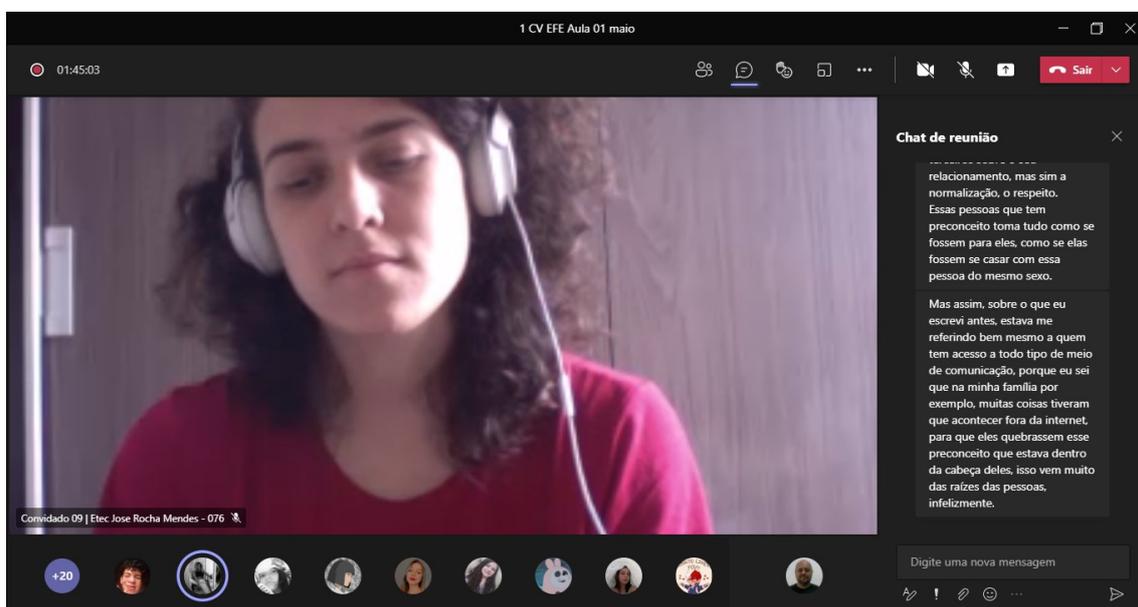


Captura de tela da apresentação elaborada pela professora Cyndel Nunes Augusto.



Captura de tela da conversa com a professora Cyndel Nunes Augusto.

Algumas questões foram elaboradas durante a explanação da docente.



Captura de tela da conversa com a professora Cyndel Nunes Augusto.

Ao término da conversa, es estudantes relataram a importância do tema na escola e no ambiente familiar. É importante dizer que a atividade foi pautada no PPP, no PC e debatida com a coordenadora do curso que manifestou o interesse de assistir posteriormente a gravação.

A partir de tudo o que foi tratado, voltei a atenção para a dança “vogue”. Pesquisando sobre o assunto, encontrei um [artigo](#) que me pareceu apropriado para suscitar o debate. Sugeri a leitura como atividade assíncrona e anunciei que discutiríamos o conteúdo de forma síncrona. Iniciei a aula remota solicitando aos estudantes que destacassem alguns pontos da argumentação do professor, dançarino, autor e pesquisador Odailson Berte,

Julia: Achei bem interessante a parte da história.

Amanda: Caramba, faz um tempo que já existe e nem sabia que era assim.

Roberto: Prof, fiquei impressionada com a questão da roupa e o significado que tem.

Dario: Não sei não prof, esse texto estava difícil pra mim.

Elder: É pouco tempo para ler prof.

Baseado nas falas dos estudantes, destaquei alguns dos argumentos expostos pelo autor e apresentei trechos de um [vídeo](#) sobre a história da dança “vogue”. O link foi compartilhado para que a turma tivesse acesso à íntegra, assistisse de forma assíncrona e pudessemos prosseguir com a conversa na próxima aula.

As semanas que sucederam esse encontro foram repletas de percalços devido a problemas administrativos (com o isolamento social e a adoção do ensino remoto emergencial, o setor administrativo da unidade foi reorganizado). Datas, reuniões, documentos, registros, entre outras ações, tiveram de ajustar-se ao longo do ano. Os departamentos do CPS, a partir das orientações da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, e as próprias especificidades institucionais, necessitaram de mudanças. Com tudo isso, o trabalho pedagógico sofreu interrupções. Quando conseguimos nos reencontrar remotamente, solicitei aos estudantes que recuperassem o percurso de estudos realizados na Educação Física.

Es estudantes reforçaram a importância do debate na escola. Justificaram, a partir das leituras e de seus atravessamentos, a contemporaneidade sobre a problematização construída nas aulas anteriores e que é possível, com base no diálogo, ouvir as vozes que ecoam por todos os lugares.

As discussões sobre a dança “vogue” amplificaram as vozes dos estudantes. Os posicionamentos emitidos sobre a relação moda-corpo-resistência-preconceito ecoaram. O trânsito nos conhecimentos possibilitou o acesso a outras múltiplas vozes.

Enquanto uma parcela da turma se manifestou a favor das leituras e da ampliação do universo do conhecimento, elogiando a leitura sugerida como atividade relevante, outra reforçou a importância de relacionar os materiais disponibilizados às próprias experiências.

Sobre a conversa com a docente convidada, a turma indicou a relevância da proposta. O diálogo foi intenso. No início, certo silêncio, mas ao longo da explanação e das provocações parte da turma se conectou, falando ou escrevendo no chat, com o tema. Agradeceram imensamente a docente e a importância da conversa.